

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO

DE GERALDO SANTOS PEREIRA

**BELO HORIZONTE
1998**

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

Argumento Cinematográfico
de
GERALDO SANTOS PEREIRA

1. Filho e neto de garimpeiros, José Raimundo dos Santos exerce a mesma profissão no rio Jequitinhonha e reside na pequena cidade de Datas, na região do Alto Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Como ele, milhares de garimpeiros tiram até hoje o sustento nas grupiarias ou no leito dos rios, muitos ainda utilizando processos primitivos, como a velha bateia, em atividade secular que já extraiu grandes e pequenos diamantes e outras pedras, desde os primórdios da colonização e da penetração bandeirante nas terras de Minas.

Mas, na verdade, não são eles, os humildes garimpeiros, que enriquecem quando a sorte lhes bafeja a descoberta de alguma pedra de valor, e sim os compradores e lapidários que, em Diamantina, Teófilo Ottoni, Nova York ou Amsterdam, a adquirem a preço vil.

2. O cotidiano de Zé Raimundo, como é conhecido, resume-se, de segunda-feira a sábado, na caminhada da cidade ao rio onde busca as pedras tão sonhadas.

Com a bateia e outros petrechos usados no trabalho de rústica draga a bomba, ganha o trecho em exploração e, de manhã até o anoitecer, vasculha o leito do riacho que corre próximo da cidade.

Todo o pouco que encontra é dividido em partes iguais com João Quirino, que foi amigo e compadre do velho Celestino dos Santos, pai de Raimundo, que também garimpou e hoje, com mais de 80 anos, fica em casa com as "doenças de velho, mas não de homem", como costuma dizer.

Zé Raimundo, ao regressar a Datas, em novo dia de trabalho árduo, passa diante de uma modesta casa no principal arruado da cidade, avistando à janela uma mocinha de cor parda, filha de "seu" Libório, bombeiro-eletricista, e de dona Amélia, que trabalha na confecção de tapetes Arraiolo.

Marialva, este seu nome, é a moça mais bonita da cidade e ajuda a mãe na tecelagem do tapete de fama até no exterior.

No encontro habitual de Zé Raimundo com Marialva, é sempre mais ou menos este o diálogo:

- Ôi, Zé Raimundo. Como foi o garimpo hoje?
- Ôi, Marialva. Hoje nada. Só pedra e cascalho.
- Não desanima não, Zé Raimundo. Um dia cê vai encontrar um baita diamante, vai ficar rico!
- Deus de ouça, Marialva! Se encontrar, compro pra você uma jóia bonita!

3. Para resumir: dos encontros habituais os dois passaram também a dialogar na praça, nas festas singelas da cidade, no clube recreativo, na igreja e até no garimpo, onde Marialva ia, vez e outra, apreciar o trabalho daqueles teimosos contrerrâneos.

Além de Zé Raimundo, Marialva tinha outro admirador, também garimpeiro, o Severino Silva, que lhe disputava o coração, sem muito êxito, na verdade. A tecelã, como gostava de ser chamada, dava nítida preferência ao Zé Raimundo, que era alegre, bem-humorado, bom tocador de viola e seresteiro muito apreciado.

Os dois, Zé Raimundo e Marialva, acabaram se casando. O padrinho foi o João Quirino. Houve festa, houve dança e até foguetório.

Depois da escapadela à francesa, já de noite, e que todos fingiram não ver, os nubentes rumaram para a casinha que "seu" Libório lhes deu de presente, perto da igreja. E lá, na noite de amor, houve a descoberta recíproca do corpo, do sexo e da carícia.

Do casamento e do amor nasceu Glória Maria, uma moreninha encantadora, alegre, brincalhona, amada pelos pais, querida por todos que gravitavam em seu humilde círculo social, onde a pobreza era geral, mas solidária e amiga.

Glorinha, como a chamavam, apesar da pobreza foi crescendo linda e saudável.

Quando completou oito anos, o pai lhe deu um cãozinho vira-lata, brincalhão e travesso, o "Bilito, tão afeiçoado à menina que, quando ela seguia para a escola, ladrava e chorava, preso no canil, até a tardinha, quando ela voltava.

Toda a cidade sabia que, desde o casamento de Zé Raimundo com Marialva, o outro garimpeiro, Severino Silva, guardava um certo rancor contra o colega, produto do despeito por ter perdido para ele o objeto de seu afeto.

Zé Raimundo, contudo, não lhe votava antipatia, ou aversão. Ao contrário, sempre que o via, tratava-o com cordialidade, sabendo, no entanto, que a antiga camaradagem não era a mesma desde o dia em que Marialva disse o *sim* na igreja.

4. Certo dia surgiu na cidade uma médica pediatra de meia-idade, alourada, parecendo estrangeira, dizendo chamar-se Isolda Schiller. Começou a atender no Posto de Saúde, muito devotada às crianças pobres da cidade, inclusive Glorinha, que ela examinava detalhadamente, fazendo anotações numa folha de papel.

Uma peculiaridade da médica deixava um pouco intrigada a população de Datas: sua periódica ausência da cidade, de onde partia guiando uma pick-up de cor branca.

Quando, dias mais tarde, reaparecia na cidade, justificava a ausência pelas visitas que fazia a outras cidades do Vale, realizando consultas gratuitas.

5. Também chegava à cidade, de tempo em tempo, o Valdomiro Linhares, um viajante-comercial falante, brincalhão, bem-humorado, contador emérito de anedotas.

Representante de produtos farmacêuticos, Valdomiro hospedava-se invariavelmente na pensão de Dona Antônia, uma viúva meio gorda, mas ainda desfrutável, famosa pela comida deliciosa que servia aos hóspedes.

Diziam as más línguas que o Valdomiro era o mais bem servido, tanto na cozinha, como na cama. Dona Antônia, furtivamente, à noite, batia na porta do quarto nº 8, sempre reservado ao viajante-comercial.

Certa noite, no jantar, o Valdomiro comentou que avistara em Diamantina a doutora Isolda, em companhia de um velho alto, corado, com barba e cabelos brancos, "parecendo alemão".

E deu maiores detalhes:

- Doutora Isolda parecia muito apegada ao gringo que, segundo fiquei sabendo, descia de vez em quando em Diamantina, pilotando um avião Cesna.

- Depois de visitar médicos, farmácias e hospitais - narrou Valdomiro Silva para outros hóspedes na sala de refeições, fui para o Grande Hotel, onde vi o "alemão" com a doutora Isolda, falando uma língua complicada.

- Com certeza língua alemã - palpitou um hóspede com o prato cheio.

- Língua de gringo - completou um mulato, magro como o Marco Maciel.

Apesar de ouvi-lo com atenção, ninguém levava muito a sério o viajante-comercial, que tinha fama de mulherengo e fofoqueiro no circuito de cidades onde ia vender seus remédios.

De qualquer forma, quando a médica Isolda reapareceu em Datas os moradores passaram a olhá-la com certo respeito e malícia, sabendo agora que tinha "um caso com um estrangeiro velho e rico, dono até de avião".

6. Foi quando aconteceu a tragédia, uma estranha e misteriosa tragédia envolvendo a Glorinha, que já tinha dez anos de idade.

Certo dia, voltando da Escola Municipal, localizada a uns quinhentos metros do centro da cidade, Glorinha desapareceu. Não chegando em casa no horário habitual, seus pais começaram a preocupar-se. Esperaram uma meia-hora mais, supondo que tivesse permanecido na escola para elucidar alguma questão com a professora, dona Emília.

Passados os trinta minutos, decidiram ir buscá-la na escola, que encontraram fechada, sem a professora ou qualquer aluna. Foram à casa de dona Emília, que confirmou haver Glorinha saído sozinha, no horário de praxe.

Correram à casa da Maria do Carmo, a Carminha, colega e grande amiga de Glorinha, e que sempre a acompanhava na ida e volta da escola. Mas Carminha informou que, com dor de cabeça, viera para casa mais cedo.

Foram então à casa dos avós de Glorinha, onde também não a encontraram.

Neste ponto a inquietação de Zé Raimundo e Marialva se transformara em desespero. Em pouco tempo, como um rastilho de pólvora, a notícia ganhara toda a cidade. O delegado, doutor Altamiro, o pároco, Padre Arnaldo, o sacristão, "seu" Batista, e outros moradores foram à casa do garimpeiro pedir detalhes e oferecer préstimos.

O delegado, dois soldados e os pais de Glorinha saíram, de noite, em busca da menina, vasculhando as imediações da escola, a estradinha de terra e até mais longe, nos matagais e cercanias da cidade.

Nada foi encontrado, para a angústia crescente de seus pais. Marialva foi, chorando, rezar na igreja, enquanto Zé Raimundo perscrutou nas matas e margens do rio, chamando a filha em voz alta.

Nem ele, nem Marialva, dormiram naquela noite, angustiados como estavam. Quando amanheceu, recomeçaram as buscas, agora acrescidas de novas pessoas, solidárias com o sofrimento do casal.

O cachorro de Glorinha, estranhando a ausência da dona, corria de um lado para outro, ganindo e chorando, como se adivinhasse a tragédia.

Foi quando alguém aventou a hipótese de seqüestro.

- Seqüestro?! - exclamou o delegado. - Ficou louco?! O Zé Raimundo não tem onde cair morto! O seqüestrador iria pedir resgate a um garimpeiro sem eira, nem beira? Hipótese absurda, fora de cogitação!

Alguém lembrou então a possibilidade de vingança pessoal e o nome do garimpeiro Severino Silva foi lembrado. Desafeto de Zé Raimundo desde o casamento com Marialva, acabou sendo acusado. O delegado foi então à sua casa, interrogou-o, fez ameaças de prisão, levando-o a dizer, nervosíssimo:

- Pelo amor de Deus, doutor Altamiro! O senhor acha que eu iria raptar a menina, fazer uma barbaridade dessas? Não tenho raiva nenhuma do Zé Raimundo! Nunca faria mal a uma menina inocente!

Convencido da inocência do Severino, Altamiro retornou à delegacia, onde um morador lhe perguntou:

- O que pode ter acontecido, doutor Altamiro?

O delegado olhou para um lado e para outro. Vendo que o Zé Raimundo não estava por perto, baixou o tom da voz e opinou, sombrio:

- Estou pensando numa coisa pior do que seqüestro. E se foi um monstro, um tarado sexual, que raptou a menina para estuprá-la? Isto acontece muito, no Brasil e no mundo inteiro: depravados e homicidas

arrastam meninas, e até meninos, para um local ermo, satisfazem seus baixos instintos e depois os matam, para não serem identificados.

- Deus do céu! - exclamou, apavorado, o João Quirino, que ajudava na busca de Glorinha.

Pensando nessa terrível hipótese, começaram a vasculhar recantos afastados, num perímetro maior em torno da cidade: macegas, matagais, grotões, matas fechadas, capinzal, plantações e até rios e riachos. Mas nada foi encontrado, o que trouxe certo alívio para os pais e amigos de Glorinha, que mantinham sempre a esperança de encontrá-la viva.

Padre Arnaldo mandou celebrar missa e Marialva fez uma promessa: se Glorinha fosse encontrada, viva, caminharia de joelhos de sua casa até o altar de Nossa Senhora da Conceição, na Igreja-Matriz.

7. Um fato que chamou a atenção de algumas pessoas, inclusive do delegado, foi a ausência da médica, doutora Isolda, no mesmo dia em que Glorinha sumira.

- Não é meio esquisito, doutor Altamiro? - lembrou o escrivão Feliciano.

- Uai, Feliciano! - estranhou o delegado. - Está querendo dizer que a médica pode ter seqüestrado a menina?

- Não é bem isso, doutor. Mas não acha meio esquisito?

- Você não sabe que esta médica percorre as cidades do Alto Jequitinhonha dando consultas gratuitas às crianças pobres?

Outro acontecimento importante foi a chegada à cidade do Pedro Rezende, jornalista famoso, nascido em Datas, em visita, de férias, aos pais, proprietários da "Pharmacia Nossa Senhora das Dores".

Amigo de todo mundo, Pedro Rezende ficou depressa sabendo do acontecimento que abalava Datas. Foi imediatamente à casa do Zé Raimundo, amigo de longa data, pediu detalhes e, com a experiência profissional que o consagrara no jornalismo e na televisão, começou, por conta própria, a fazer investigações sobre o caso.

Em conversa com o delegado, Pedro ficou particularmente intrigado com a coincidência de três outros desaparecimentos de meninas, de idade entre 8 e 12 anos de idade, terem ocorrido naquela região, em época recente. Lembrou-se de que o fato alcançara repercussão não só em Minas, como no resto do país, dando notoriedade às localidades onde sumiram as meninas: Guinda, Mendanha e São Gonçalo do Rio Preto.

- E agora isto também acontece aqui - comentou o repórter ao delegado. É muito estranho!

E acrescentou:

- Deve haver uma relação entre esses desaparecimentos, doutor Altamiro. Isto é fora de dúvida.

- Também acho - concordou o delegado, acrescentando:

- Outra coisa que me intriga é o fato das quatro crianças que sumiram serem de famílias muito pobres. Isto afasta qualquer suspeita de seqüestro por dinheiro. Também o fato de não terem sido encontrados os corpos das crianças, faz supor que não houve estupro, seguido de homicídio.

O alto senso profissional dos dois, o jornalístico, de Pedro Rezende, e o policial, do delegado Altamiro, aproximou-os nas conjeturas e investigações que, solidariamente, passaram a realizar.

8. A primeira providência de Pedro Rezende, cada vez mais empenhado no esclarecimento do mistério, foi viajar, de carro, a Guinda, Mendanha e Rio Preto, onde ouviu parentes e pessoas ligadas às crianças desaparecidas.

Naquelas localidades ouviu também referências à médica, doutora Isolda, que examinara as crianças, antes de seu desaparecimento.

Retornando a Datas, Pedro Rezende ficou sabendo da história contada pelo viajante-comercial, Valdomiro Linhares, sobre o encontro, em Diamantina, da médica com aquele estrangeiro que chamavam de "alemão". O fato despertou, de tal forma, a intuição profissional de Pedro Rezende que o levou a tomar o carro e ir a Diamantina, hospedando-se no mesmo hotel onde a médica e o estrangeiro tinham sido vistos juntos.

E lá teve a surpresa de saber que, na véspera, o alemão havia chegado à cidade em seu pequeno avião.

Examinando a ficha de hospedagem que o hoteleiro, sigilosamente, lhe exibiu, Pedro Rezende ficou sabendo que o "alemão" se chamava Wilhelm Schneider, nascera não na Alemanha, mas na Suíça, era Biólogo e se dedicava à inseminação artificial em gado leiteiro, utilizando sêmen de animais de grande valor, trazido de São Paulo e até do exterior, com o qual fecundava fêmeas do rebanho bovino de quem lhe pagasse o alto preço cobrado.

Pedro Rezende achou curioso não ter encontrado no hotel nenhum registro da médica Isolda, que o hoteleiro informou ser de Santa Catarina e, falando alemão, deveria auxiliar o biólogo em seu trabalho.

Caminhando pela cidade, o jornalista avistou os dois juntos, caminhando apressadamente por uma rua estreita e tortuosa.

Agindo como um detetive, evitando ser visto, Pedro Rezende seguiu-os de longe. Numa extremidade da cidade, observou quando os dois entraram num velho sobrado, meio escondido pelas árvores de um jardim.

Achando tudo aquilo muito estranho, Pedro regressou ao hotel, onde interrogou empregados, garçons e camareiras, apurando, então, que Wilhelm Schneider era homem de pouca conversa, mal-humorado e hostil, dando ordens para ninguém entrar no quarto que ocupava.

Cada vez mais atraído pelo mistério de tudo aquilo, Pedro Rezende decidiu visitar alguns estúdios fotográficos de Diamantina, na esperança de encontrar alguma foto do estrangeiro.

Nada encontrou nos dois primeiros que visitou, mas no terceiro, o fotógrafo, um mulato alto e magro, confirmou que, no dia anterior, vira na cidade um "senhor estrangeirado, do tipo que o senhor descreveu".

Pensando tratar-se de turista, fotografou-o ao lado de uma senhora, perto do Grande Hotel, provocando, com isso, a ira do gringo, que propôs comprar o filme e até a máquina fotográfica japonesa, por bom dinheiro.

- É claro que recusei - afirmou, com brio profissional, o fotógrafo lambe-lambe. - Havia no rolo do filme outros flagrantes de turistas em visita à cidade, e não seria um gringo mal-educado que iria me subornar.

Pedro Rezende pediu que procurasse a foto, dizendo que era de grande importância. O fotógrafo apanhou uma pilha de fotos reveladas e acabou achando aquela que Pedro procurava, reunindo Wilhelm Schneider e Isolda Schiller. Mas o lambe-lambe relutou em ceder-lhe o flagrante, alegando "sigilo profissional", mas foi convencido pela promessa do jornalista dar destaque a seu nome nos créditos da reportagem que estava preparando.

De posse da foto e das informações colhidas no Grande Hotel, Pedro Rezende foi à Prefeitura, onde tinha amigos, inclusive o Prefeito, que o considerava muito pela divulgação que sempre fazia de Diamantina.

De lá telefonou para um amigo, prestigioso jornalista carioca, pedindo-lhe que acionasse a Polícia Federal e a Interpol de Paris, mandando-lhe, com urgência, tudo o que pudesse apurar sobre Wilhelm Schineider, de nacionalidade suíça, e a médica Isolda Schiller, brasileira, nascida em Santa Catarina, vistos na foto que depois escaneou e transmitiu via-computador.

Saindo da Prefeitura, Pedro Rezende foi pesquisar no Cartório de Registro de Imóveis, pensando encontrar a escritura de alguma propriedade em nome de Wilhelm Schneider, ou da médica Isolda. Mas nada encontrou.

Voltou depois a examinar o sobrado, na periferia de Diamantina, onde vira entrar Wilhelm naquele mesmo dia. A casa estava vazia, o que animou o jornalista a contorná-la em silêncio, avistando, por uma janela, uma sala com várias caixas e modernos equipamentos médicos, atraindo-lhe mais fortemente a atenção, alguns tambores usados para a preservação de sêmen para inseminação artificial.

Depois deixou o local, deu uma volta pela cidade e, em uma rua afastada, avistou Wilhelm e Isolda na pick-up que ela guiava.

Quando, mais tarde, voltou à Prefeitura, encontrou um fax detalhado, remetido do Rio, com espantosas informações sobre o cidadão suíço e a médica brasileira.

A mais importante revelava que Wilhelm Schneider era nome falso, pois a foto, que Pedro remetera, o identificava como Konrad Otto Spiegel, nascido em Stuttgart, na Alemanha, médico e biólogo de certo renome na Europa.

Outra informação da Interpol causou enorme surpresa ao jornalista: Konrad Otto Spiegel fora, na juventude, militante do Partido Nazista, colaborador do cientista Franz Brandauer, chefe do Setor de Pesquisas Biológicas da Universidade de Stuttgart onde, durante a 2a. Grande Guerra, foram realizadas experiências pioneiras de transplantes de órgãos em animais e até mesmo em prisioneiros judeus.

Lendo, cada vez mais perplexo, o material recebido do Rio, Pedro Rezende foi surpreendido pela informação de que Comitê Internacional de Nazistas Desaparecidos conseguira, depois da guerra, localizar Konrad Otto Spiegel na Bolívia, perdendo, em seguida, seu paradeiro, supondo-se que estivesse, com identidade falsa, no Paraguai ou na Argentina.

Com relação a Isolda Schiller, a Polícia Federal do Rio informava que o verdadeiro nome da médica era Isolda Heinrich, expulsa do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina por prática ilegal de aborto e impedida de clinicar em todo o Brasil.

O material recebido pelo jornalista inquietou-o profundamente, levando-o a raciocinar, para si mesmo, enquanto perambulava pela cidade:

- "Este nazista, com nome falso, não está nem no Paraguai, nem na Argentina, mas aqui mesmo, no Brasil, em Minas e, o que é mais grave ainda, em Diamantina! E agora tenho a certeza de que ele e a médica de Santa Catarina têm muito a ver com o desaparecimento das crianças!"

Com esta assustadora certeza, Pedro Rezende foi ao Hospital Regional, onde conversou longamente com o médico cirurgião, doutor Evaristo Machado, amigo particular de seu pai, a quem pediu esclarecimentos sobre transplantes de órgãos humanos, anotando tudo o que ouviu:

- "Transplante, - iniciou o médico - "é o processo pelo qual um órgão, parte dele, ou tecido, é removido de um ser vivo, ou morto, e implantado num segundo ser vivo. Além de problemas médico-legais, relativos aos transplantes, a rejeição do órgão transplantado é problema de fundamental importância, considerando-se, principalmente, o grau de disparidade genética entre doador e receptor.

- "Um tecido, ou um órgão transplantado - explicou o cirurgião - consome rapidamente suas reservas celulares e desenvolve um processo degenerativo que, depois de certo tempo de duração, é irreversível".

- "Os dois métodos gerais para a preservação de tecidos e órgãos - prosseguiu doutor Evaristo - estão baseados na inibição metabólica e na manutenção metabólica. A inibição metabólica é feita por meio da hipotermia e pelo emprego de agentes farmatológicos, substâncias chamadas crioprotetoras, ou criofiláticas, como glicerina e DMSO (sulfóxido de dimetila).

- "O tempo de conservação do órgão transplantado pode ser de três tipos: a)- curto-prazo (um dia); b)- médio-prazo, colocando o tecido ou

órgão em um líquido chamado "meio de cultura", para cultivar células, etc., com tempo de preservação de uma a duas semanas e, finalmente, c) - longo-prazo, com a utilização de congelamento profundo, como nitrogênio líquido".

Também o médico esclareceu que, de todos os órgãos destinados a transplante, o menos exigente para conservação é a córnea, que é avascular e não se nutre de sangue, enquanto que rim, fígado, pâncreas, pulmão e, principalmente, coração, exigem cuidados excepcionais para transplante, conservação e transporte. E deu um exemplo:

- "Rins removidos dentro de uma hora após morte cardiovascular, com adequados métodos de hipotermia e perfusão (passagem artificial de líquido através de órgão), podem ser mantidos com sucesso na reimplantação até 50 horas depois".

Quando Pedro Rezende perguntou se órgãos e tecidos transplantados de pessoas vivas, ou mortas, poderiam, por exemplo, ser transportados, em perfeitas condições, de Diamantina a São Paulo e, eventualmente, aos Estados Unidos e Europa, a resposta do médico foi incisiva:

- "É possível sim, meu caro, dependendo da técnica empregada em sua preservação, podendo chegar a países distantes se forem, obviamente, transportados por avião.

Antes de se despedir, muito agradecido pelas explicações, Pedro Rezende perguntou ao médico se conhecia o biólogo suíço Wilhelm Schneider, que se encontrava na cidade.

- Não o conheço pessoalmente, - respondeu o médico cirurgião, - mas sei que é homem competente, dedicado à zootecnia e inseminação artificial no gado bovino.

E indagou:

- Por quê está perguntando isto, meu caro? Assunto de reportagem?

- Talvez mais do que isto, doutor Evaristo. E o senhor será o primeiro a saber.

Agradeceu e, com um abraço, despediu-se.

9. De volta a Datas, o jornalista passou por Gouveia e pesquisou no Cartório de Registro de Imóveis, onde encontrou, surpreendido, a escritura de compra-e-venda de uma propriedade rural, denominada "*Fazenda da Ressurreição*", com 50 alqueires mineiros, em nome de Isolda Heinrich, localizada no município de São Gonçalo do Rio Preto.

Retornando a Datas, Pedro reuniu-se imediatamente com o delegado, a portas fechadas. A reunião, no entanto, foi logo depois interrompida pela chegada do sargento Elias, que, muito assustado, informou ao delegado um fato importantíssimo.

- Que fato tão importante é este, sargento Elias? Estou numa reunião com nosso ilustre jornalista.

- Acharam o corpo de uma das meninas desaparecidas, doutor delegado!

Altamiro e Pedro Rezende pularam das cadeiras, assombrados. Depois, orientados pelo sargento, seguiram imediatamente para o local do achado, informados, no caminho, de que os latidos de um cachorro, diante de uma cavidade, recoberta de terra, grama e gravetos, haviam chamado a atenção de um sitiante que, passando por lá, removeu com uma enxada a terra e encontrou, numa espécie de cova rasa, o corpo de uma menina em adiantado estado de decomposição.

- Coisa horrível, doutor Altamiro! O corpo daquela infeliz não tinha vários de seus órgãos!

- Minha Nossa Senhora! - exclamou Pedro Rezende. - É o que eu mais temia!

Chegando ao local, lá encontraram uma pequena multidão profundamente contristada, pois a menina havia sido reconhecida: era a filha de um morador pobre de Mendanha, tinha dez anos de idade e, como Glorinha, desaparecera misteriosamente semanas atrás.

Altamiro e Pedro Rezende estavam, neste ponto, absolutamente convencidos de que alguém, com grande perícia cirúrgica e profundos conhecimentos de anatomia, havia monstruosamente assassinado e extraído vários dos principais órgãos da menina.

Pedro Rezende arrastou o delegado para um canto e lhe disse, preocupadíssimo:

- Doutor Altamiro, acho que o desaparecimento de Glorinha também é obra deste mesmo louco e homicida!

E sugeriu, afobadamente:

- Reúna depressa seus homens, e bem armados! Vamos imediatamente para a Fazenda da Ressurreição, em Rio Preto! Tenho a certeza de que é lá que estes crimes infames são cometidos!

Doutor Altamiro deu ordens rápidas, formando uma patrulha que, em três viaturas, seguiu, em alta velocidade, para São Gonçalo do Rio Preto, levando, inclusive, o jornalista e os pais de Glorinha.

10. Atravessando Rio Preto, os carros seguiram por uma poeirenta estrada de terra e, alguns quilômetros à frente, pararam diante de uma porteira encimada por uma tabuleta com os dizeres "Fazenda da Ressurreição". O grupo então viu, no pasto, bois e vacas da raça holandesa e, ao fundo, erguida em pequena elevação, parcialmente escondida pela mata, o casarão de uma antiga fazenda construída no tempo da escravatura.

A porteira estava fechada. Dois empregados, desconfiados, aproximaram-se. Vendo, no entanto, a figura austera do delegado e de quatro soldados armados com revólveres, escopeta e metralhadora, abriram depressa a porteira e foram confinados num furgão, com ordem de se manterem em completo silêncio.

Naquele exato instante, pulando do carro onde viera com Zé Raimundo e Marialva, o cachorro Bilito saiu em louca disparada na direção da casa-sede.

As viaturas penetraram na fazenda e, por um caminho de terra, alcançaram a parte fronteira do casarão, freando diante de uma grande varanda. Pedro Rezende, Altamiro e os soldados que integravam o grupo policial subiram correndo a escadaria e pararam diante de uma porta fechada, diante da qual o cachorro latia sem parar.

O delegado meteu o pé na porta, arrombou-a e, seguido pelos outros, entrou numa grande sala de jantar, decorada com móveis antigos e retratos pendendo da cimalha. De um canto da sala descia uma escadaria, levando, provavelmente, ao porão, ou à antiga senzala dos escravos.

Por ela o cão de Glorinha desceu como flecha, parando, embaixo, diante de outra porta fechada, que começou a arranhar com as patas.

Descendo correndo a escadaria, o delegado e seus soldados arrombaram violentamente a porta, avistando, atônitos, um cômodo pintado de branco, com duas vigas de madeira, no centro do qual se via uma mesa operatória iluminada por refletores de centro cirúrgico. Sobre outra mesa, encontravam-se diversos tambores próprios para coleta e preservação de órgãos humanos.

Sobre a mesa operatória, imóvel, inteiramente despida, jazia Glorinha. Ao lado, vestidos com trajes de cirurgia, Konrad Otto Spiegel e a médica Isolda Heinrich olhavam, assustadíssimos, para a porta de entrada.

Atônito, dominado pelo espanto, o médico alemão começou subitamente a gritar, enfurecido, com forte sotaque alemão:

- Que é isto?! Por favorr, forra, forra daqui, miserráveis! Vamos, forra, forra daqui!

Vendo que os gritos não intimidavam os recém-chegados, o médico voltou-se para apanhar uma pistola militar que se encontrava sobre um móvel. Antes, porém que a pegasse, foi alvejado por uma saraivada de balas disparadas pelas armas do delegado e dos soldados, desabando, morto, sobre os tambores que rolaram pela sala, deixando escapar gelo e fumaça emanada de nitrogênio líquido que, aos poucos, se embeberam de sangue.

Doutora Isolda, com a roupa cirúrgica de auxiliar médica, recuou apavorada, recostou-se na parede, suplicando, com voz trêmula:

- Não me matem, pelo amor de Deus! Não me matem!

Logo a seguir, comovendo-se até as lágrimas, presenciaram todos uma cena emocionante: Zé Raimundo e Marialva, chorando convulsivamente, precipitaram-se para a filha, ergueram-na nos braços e beijando-a repetidas vezes, exclamavam:

- Glorinha, Glorinha, filhinha querida! É o papai, a mamãe, queridinha! Somos nós, meu amor!

O delegado aproximou-se, auscultou o coração da menina e falou, feliz e comovido:

- Ela está viva, Marialva! A menina só está anestesiada, graças a Deus!

Aproximou-se, em seguida, da médica, que permanecia imóvel, pálida, recostada na parede. Vendo-o chegar, aterrorizada, Isolda pedia:

- Não me mate... Não me mate!

O delegado chegou mais perto, revólver à mão, e lhe disse, com voz autoritária:

- A senhora merece a morte, dona Isolda! Mas eu respeito a lei e no Brasil, infelizmente, não há pena de morte!

Algemou-a e ainda lhe disse:

- A senhora está presa e vai apodrecer numa cela de prisão pela cumplicidade no assassinato de crianças para extração de seus órgãos vitais. Um crime infame, praticado não por seres humanos, mas por monstros degenerados!

Chamou dois soldados que a levaram para fora. Depois Altamiro e Pedro Rezende examinaram o corpo do alemão, ainda com luvas e o traje de cirurgia, manchado de sangue, caído no chão da senzala.

O delegado comentou para o jornalista:

- Espero que seja o último nazista!

Mas Pedro Rezende discordou, cético:

- Acho que não é o último, doutor Altamiro! Há outros, escondidos pelo mundo afora, inclusive na Alemanha!

Altamiro voltou-se então para o sargento e ordenou:

- Peça pelo rádio uma ambulância, Elias. E removam daqui este desgraçado!

Colocou amistosamente a mão no ombro de Pedro Rezende e completou:

- Você ajudou muito na elucidação deste caso infeliz, meu caro. Agora é com você. Convoque imprensa, televisão, o que você quiser. Você merece este "furo". E faça bom proveito!

E se afastou.

11. A sequência final do filme mostrará os principais personagens retomando a atividade normal de cada um.

O delegado, de novo na delegacia, sai depressa para esclarecer um crime ocorrido na zona rural.

Pedro Rezende despede-se dos pais e dos amigos, apanha o carro e ganha a estrada asfaltada, a caminho de Belo Horizonte.

Zé Raimundo, com a bateia e outros instrumentos de trabalho, segue para o Jequitinhonha, em busca dos sonhados diamantes.

Glorinha vai à escola, com a Carminha e outras colegas.

As últimas imagens mostrarão Marialva atravessando de joelhos a praça principal da cidade e a escadaria da Igreja-Matriz, aproximando-se do altar de Nossa Senhora da Conceição, cumprindo a promessa que fizera.

Câmera, instalada em grua, ou em helicóptero, sobe lentamente, até fixar, em Grande Plano-Geral, a praça, a igreja, a cidade de Datas e, ao fundo, a paisagem montanhosa do Vale.

Nova Viçosa e Belo Horizonte, abril de 1998.

Geraldo Santos Pereira

Rua Pompéia, 39 apto. 01 - Prado
CEP 30410-130 - Telefax 371-4604
Belo Horizonte - Minas Gerais.